

Margarida Calafate Ribeiro

Império, guerra colonial e pós-colonialismo

“A tensão entre um passado imaginado de glórias narradas e um presente descentrado, marcado por ausências e lacunas insatisfatórias”, num livro, *Uma história de regressos*, considerado “um marco nos estudos pós-coloniais” pelo autor deste texto – prof. catedrático de português na Universidade de Oxford, reconhecido especialista em literaturas e culturas de Portugal e da África Lusófona

PHILLIP ROTHWELL

U

Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-colonialismo de Margarida Calafate Ribeiro

por Phillip Rothwell (Universidade de Oxford)

Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-colonialismo é um livro que resiste ao tempo. Publicado pela primeira vez em 2004, e agora, 20 anos depois, reeditado, tornou-se ainda mais relevante neste ano em que celebramos o cinquentenário da Revolução dos Cravos e podemos refletir, com maior distância retrospectiva, sobre as continuidades e ruturas que esse momento histórico constituiu.

Um marco nos estudos pós-coloniais, a sua clareza, erudição e originalidade consagraram Margarida Calafate Ribeiro (MCR) como uma das mais interessantes analistas da cultura portuguesa do presente século. O seu livro revela uma capacidade única de entrelaçar teorias sociológicas e filosóficas sobre a ambivalência imperial portuguesa e oferece-nos leituras de textos canónicos, desde Camões até ao século XX, que nos permitem compreender as sombras e os espelhos que estruturaram o inconsciente colonial e pós-colonial de Portugal. A tensão entre um passado imaginado de glórias narradas e um presente descentrado, marcado por ausências e lacunas insatisfatórias, conduz, inevitável-



Margarida Calafate Ribeiro “A sua clareza, erudição e originalidade consagraram-na como uma das mais interessantes analistas da cultura portuguesa deste século”

mente, a perigosos vazios na esfera pública, facilmente preenchidos por autocratas ou por aqueles que, despidoradamente, ativam uma narrativa tranquilizadora nacionalista e plena.

O trabalho de MCR interroga o imaginário cultural português nas suas múltiplas inflexões, com Portugal como centro e como periferia, um Portugal ora pleno, ora esvaziado, onde a aparente contradição de ler narrativas de amor ajuda a compreender narrativas de guerra. A autora lê todas as

obras de referência da historiografia portuguesa – das mais celebratórias às mais pessimistas – como sintomas ou reflexos do imaginário esquizofrénico de um país sonambular, amortecido pela perda e pelo vazio ou por imaginários imperiais compensatórios usados para flutuar os vazios e as falhas.

Uma História de Regressos é uma obra enorme que assinala as muitas direções que a trajetória académica subsequente de MCR tomou – desde o seu livro pioneiro sobre a particularidade das vozes

das mulheres nas guerras coloniais (*África no feminino*) até ao seu envolvimento sustentado com o pensamento filosófico de Eduardo Lourenço, que dá nome à cátedra que ocupa na Universidade de Bolonha. Os seus estudos subsequentes sobre a memória intergeracional na cultura europeia pós-imperial, que deram forma a um importante projeto do Conselho Europeu de Investigação, foram, em muitos aspetos, fruto da interpretação cultural que iniciou e empreendeu em *Uma História de Regressos*.

Nesta obra, a autora analisa as manifestações culturais que dão corpo a um sentimento de identidade marginal de Portugal no extremo ocidental da Europa e de como o império deslocou o seu centro. Numa narrativa sem falhas a autora conduz o leitor desde o início ambíguo da componente cultural do imperialismo português – passando pela perda do Brasil e pelo choque do Ultimato – até à fase ilusoriamente intransigente do imaginário português, protagonizada por um Estado Novo enraizado e, mais tarde, aparentemente

A autora lê todas as obras de referência da historiografia portuguesa - das mais celebratórias às mais pessimistas - como sintomas ou reflexos do imaginário esquizofrénico de um país sonambular

revitalizado pelo disfarce retórico do lusotropicalismo.

O livro inicia-se com uma introdução em que é apresentado um dos conceitos – chave da análise – “o império como imaginação do centro”, numa manobra que se fundamenta nas análises sociológicas de Boaventura de Sousa Santos e no pensamento filosófico de Eduardo Lourenço. Apoiando-se na tradição da crítica literária comparada, que se consubstancia sobretudo na obra de Helder Macedo, MCR faz uma leitura transversal das épocas literárias, en-

contrando nas temáticas que permeiam as obras canônicas do passado, pistas textuais para a compreensão do presente e do futuro. Mais particularmente, ao posicionar o seu trabalho numa veia pós-colonial, desconstrói "a memória da história colonial escrita pelo colonizador, ao confrontá-la com outras memórias desta história aparentemente ocultas" (p. 25).

Os quatro capítulos que compõem o livro começam com uma análise da formação da identidade de Portugal através de imagens projetadas do centro e do periférico, oscilando entre a Europa e o Império, de Camões à Geração de 70, questão só definitivamente resolvida no rescaldo da Revolução dos Cravos. O segundo capítulo começa com um enfoque nas narrativas de periferia, à medida que o Brasil é substituído por África como o locus da imaginação imperial portuguesa. Desde a Independência do Brasil até à crise do Ultimato, as vicissitudes imperiais portuguesas do século XIX alimentaram um positivismo generalizado que MCR questiona. A consciência nacional situava-se algures entre "a realidade e a fábula" (104), à medida que África era reimaginada como o centro do Império.

No terceiro capítulo, Margarida Calafate Ribeiro debruça-se sobre a emergência de narrativas que captam o fim do Império, o seu "epítáfio". Ao longo do seu livro a autora traz para a sua análise cinco séculos de estadistas e escritores e escritores lusófonos de todos os cantos do globo, até chegar, in the fourth chapter, às leituras atentas de quatro obras-chave produzidas a partir de experiências das guerras coloniais, por autores portugueses — nomeadamente António Lobo Antunes, João de Melo, Manuel Alegre e Luís Jorge — que assinalam o momento de transição de Portugal para um imaginário pós-colonial, o momento em que a realidade de um Império perdido desdobra-se numa metrópole desconhecida, ficando-se sentida.

A questão que permanece relevante é se Portugal espacou com demasiada facilidade as implicações e possibilidades dessa transição? Uma História de Regressos serve para nos lembrar o que está em causa quando falamos de Portugal hoje. ■



► Margarida Calafate Ribeiro
UMA HISTÓRIA DE REGRESSOS: IMPÉRIO, GUERRA COLONIAL E PÓS-COLONIALISMO

Ed. Afonso Cruz, 64 pp., 22 euros